

**AUTOR:** Edison Antonio de Souza.

**Titulação:** Mestre em História.

**Vinculação Institucional:** Prof. Concursado da UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Sinop/MT.

## "ESTADO, DESTERRITORIALIZAÇÕES E RETERRORIZAÇÕES NA AMAZÔNIA MATO-GROSSENSE"

*A fronteira é o lugar da pretensa epopéia da frente pioneira e dos também chamados “pioneiros” e “civilizadores.” É o lugar de busca desenfreada de oportunidades, mas também de genocídio dos povos indígenas, do massacre dos camponeses pobres, da subjugação dos frágeis e desvalidos. (José de Souza Martins)*

Ao considerarmos a região norte de Mato Grosso como sendo uma região de fronteiras, vamos dialogar com alguns autores que discutem a problemática da fronteira e como podemos entendê-la no conjunto das transformações que ocorreram ao longo do tempo. Muitos projetos de colonização foram implantados no norte mato-grossense e dessa forma consolida-se como fronteira em expansão, novas empresas, novas técnicas e relações de trabalho. A partir do “golpe de Estado de 1964 e do estabelecimento da Ditadura Militar, a Amazônia transformou-se num imenso cenário de ocupação territorial massiva, violenta e rápida.”<sup>1</sup> E neste contexto histórico-político, os “novos bandeirantes” retornam à cena da cartografia política para fincar definitivamente as esporas no território norte mato-grossense, redefinindo e apropriando espaços, onde vendem os sonhos, projetam as cidades, selecionam seus ocupantes e forjam identidades.”<sup>2</sup>

Sobre o termo fronteira, Souza Martins nos revela que ela, de modo algum, se reduz e se resume à fronteira geográfica:

*Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. E, sobretudo, “fronteira do humano.”*<sup>3</sup>

Nesta perspectiva, Santos considera que a fronteira gera também a exclusão social. “É justamente neste nomadismo dos colonos brasileiros que se opera o inverso da seleção social: em outras palavras, a produção social da exclusão é uma das dimensões do processo de colonização.”<sup>4</sup> De qualquer forma, seja como um lugar de refúgio e reconstrução, seja como um lugar de desilusão e fracasso, a fronteira é o lugar da utopia.

<sup>1</sup> MARTINS, J. de S. *FRONTEIRA: A degradação do Outro nos confins do humano*, p.147.

<sup>2</sup> ARRUDA, Z. A. *SINOP: Território(s) de Múltiplas e Incompletas Reflexões*, p. 21

<sup>3</sup> *Fronteira: A degradação do Outro nos confins do humano*, p.13.

<sup>4</sup> SANTOS, José V. T. dos, *Matuchos: Exclusão e Luta: Do Sul para a Amazônia*. p. 244.

Ferreira afirma que a história da formação do território brasileiro é marcada pela expansão do espaço produtivo, mediante a incorporação de novas áreas ao processo de produção é que pretendemos analisar a gênese histórica dos movimentos sociais do Sul para as “Novas Cidades” da Amazônia mato-grossense. A expansão das fronteiras nacionais foi assim desde a época da Colônia até os dias atuais. Ao longo do tempo a expansão se deu de formas diferentes e com características próprias, imprimindo no território novas formas de ocupação, de produção, de uso da terra e de apropriação do espaço.<sup>5</sup>

A “Frente Pioneira” marcou um momento importante na expansão territorial do sistema capitalista no Brasil, implantando as bases do capital no campo. Intensificou-se depois da Primeira Guerra Mundial, para quem os preços elevados dos gêneros alimentícios e a ampliação do mercado interno, com o desenvolvimento das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, teriam sido as molas impulsionadoras do movimento pioneiro. A idéia de frente pioneira está intimamente relacionada à pequena propriedade, à expansão da produção em áreas virgens, preferencialmente de matas e não apropriadas anteriormente.<sup>6</sup>

José de Souza Martins afirma que a frente pioneira “exprime um movimento social cujo resultado imediato é a incorporação de novas regiões pela economia de mercado. Ela se apresenta como fronteira econômica.”<sup>7</sup> No caso brasileiro, a fronteira econômica não coincide, necessariamente, com a fronteira demográfica.

*A faixa entre uma e outra, embora sendo povoada (ainda que com baixos índices de densidade demográfica), não constitui uma frente pioneira e não constituiu basicamente porque a sua vida econômica não está estruturada primordialmente a partir de relações com o mercado. (...) A economia dessa faixa não pode ser classificada como economia natural, pois dela saem produtos que assumem valor de troca na economia de mercado. Trata-se de uma economia do excedente, cujos participantes dedicam-se principalmente à própria subsistência e secundariamente à troca do produto que pode ser obtido com os fatores que excedem às suas necessidades.<sup>8</sup>*

É essa faixa, com suas peculiaridades econômicas, sociais e culturais, que se pode conceituar como frente de expansão. Conforme Souza Martins, o que “caracteriza a “frente de expansão” é justamente esse uso privado das terras devolutas, em que estas não assumem a equivalência de mercadoria. Por isso a figura central da frente de expansão é a do ocupante ou posseiro.”<sup>9</sup> Pierre Monbeig afirma que as “zonas pioneiras” costumam considerar ilimitadas as possibilidades

---

<sup>5</sup> SWAIN, T. N. *Fronteira do Paraná: da colonização à migração*, p. 21.

<sup>6</sup> Ignez Costa Barbosa Ferreira, *Ceres e Rio Verde: Dois Momentos no Processo de Expansão da Fronteira Agrícola*. In: *Fronteiras*. AUBERTIN, C. (Org.), p. 39.

<sup>7</sup> Id. p. 45.

<sup>8</sup> Id. Ibid.

<sup>9</sup> Id., p. 46.

econômicas e financeiras, por causa da esperança que desperta e as suas vantagens. Nestas frentes pioneiras a “colonização era uma questão de segundo plano, vindo antes o desejo de especular.”<sup>10</sup> Já a característica da “frente pioneira” é que ela se instala como empreendimento econômico: empresas imobiliárias, bancárias, comerciais, industriais, onde loteiam terras, transportam mercadorias, compram e vendem, financiam a produção e o comércio. “Passa-se, assim, da produção do excedente para a produção da mercadoria. A “frente pioneira” surge não como consequência “rebarbativa” da sociedade capitalista, mas como resultado direto da necessidade de reprodução desta.”<sup>11</sup>

*O ponto chave da implantação da frente pioneira é a apropriação privada da terra. Na frente pioneira a terra não é ocupada, é comprada. Desse modo, a renda da terra se impõe como mediação entre o homem e a sociedade, a terra passa a ser equivalente de capital e é através da mercadoria que o sujeito trava as suas relações sociais.*<sup>12</sup>

Podemos concluir que entre a fronteira demográfica e a fronteira econômica brasileira é que estão situados os posseiros. Souza Martins concebe essa zona como “frente de expansão”, onde a atividade econômica não se baseia numa característica apropriação capitalista da terra.<sup>13</sup> Martins conceitua frente de expansão e frente pioneira da seguinte forma: “frente de expansão expressa a concepção de ocupação do espaço de quem tem como referência as populações indígenas; frente pioneira não leva em conta os índios e tem como referência o empresário, o fazendeiro, o comerciante e o pequeno agricultor moderno e empreendedor.”<sup>14</sup>

Segundo a análise de Martins, a figura central para se entender a problemática da fronteira não é o “pioneiro,” mas sim, a “vítima.” É na categoria e na condição de “vítima que podem ser encontradas duas características essenciais da constituição do humano, suas fragilidades e dificuldades, numa sociabilidade que parece nova, aparentemente destituída dos automatismos da reprodução social, características das regiões de ocupação antiga.”<sup>15</sup>

*(...) a fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano.*<sup>16</sup>

---

<sup>10</sup> MONBEIG, P. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*, p. 143.

<sup>11</sup> MARTINS, J. de S. Op. Cit., p. 47.

<sup>12</sup> Id. Ibid.

<sup>13</sup> Id. p. 52.

<sup>14</sup> MARTINS, J. de S. *FRONTEIRA: A degradação do Outro nos confins do humano*, p. 152.

<sup>15</sup> Id., p.12.

<sup>16</sup> Id. p. 13.

Na fronteira também é construída a figura mítica do pioneiro, o grande herói na conquista das novas terras. Só que agora as qualidades do herói criador é transferido para a própria fronteira, “fetichizada,” na expressão de Souza Martins.

*O aparentemente novo na fronteira é, na verdade, expressão de uma complicada combinação de tempos históricos em processos sociais que recriam formas arcaicas de dominação e formas arcaicas de reprodução ampliada do capital, inclusive a escravidão, base da violência que a caracteriza. As formas arcaicas ganham vida e consistência por meio de cenários de modernização e, concretamente, pela forma dominante da acumulação capitalista, racional e moderna.<sup>17</sup>*

Martins afirma ser a “fronteira essencialmente o lugar da alteridade. É isso que faz dela uma realidade singular. Um lugar da descoberta do outro e do desencontro.”<sup>18</sup>

Velho, comentando a política de Vargas sobre as “funções da fronteira”, diz que ela serve para “... fixar em zonas mais produtivas e menos propícias a flagelos os excedentes de população de certas regiões do País.”<sup>19</sup>

No caso do Brasil, o célebre bandeirante foi o personagem mais vistoso produzido no processo de expansão da fronteira. Monbeig ao discutir a “Psicologia do Bandeirante” onde se criou um mito, cuja eficácia é incontestável, afirma que:

*Quando se quer celebrar um fazendeiro, desbravador de matas, plantador de cidades, nenhum título melhor a deferir-lhe que o de bandeirante. Diz-se tudo de um homem, quando se diz que ele é um verdadeiro bandeirante. Levemos em conta essa ênfase bem latina e não nos espante essa promoção indireta e póstuma do bandeirante a colonizador. No dinamismo do fazendeiro-pioneiro, a massa popular encontra a lembrança da lenda do bandeirismo. (...) Nos heróis de outrora, como no grande homem do momento, admira-se a mesma temeridade, a mesma sede de aventura, a mesma paixão da riqueza.<sup>20</sup>*

Desde a aquisição política do território por Portugal, todo esse movimento de fronteira estabeleceu resultados duvidosos em termos de conquistas efetivas. Segundo Velho, essa ação do bandeirante está em contraste com a visão da fronteira de Turner (um conceito que implica na idéia de vazio demográfico, de espaços vazios e de terras virgens). Concluimos esta análise sobre o mito

<sup>17</sup> MARTINS, J. de S. Op. Cit., p. 15.

<sup>18</sup> Id. p.150.

<sup>19</sup> VELHO, O. G., *Capitalismo Autoritário e Campesinato*, p. 148.

Cf. Octávio G. Velho, Op. Cit., p.14, a expressão *Fronteira em Movimento* (moving frontier) é de uso comum para referir-se ao “processo de ocupação do território dos Estados Unidos. Entre nós existem algumas expressões próximas, embora menos disseminadas, tais como *fronteira interna* e *fronteira econômica* (em oposição à fronteira política). Todavia, em nossa opinião em termos rigorosos a aplicação da expressão *fronteira em movimento* a outros casos que não o norte-americano exige uma discussão”, o autor utiliza esse conceito para designar o fenômeno geral de que se ocupará na análise do caso brasileiro.”

<sup>20</sup> MONBEIG, P. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*, p.121-2.

do bandeirante, com as palavras de Pierre Monbeig, sobre o que vem a ser pioneiro: “Ele é verdadeiramente um pioneiro, um homem que prepara o caminho para o vasto movimento de que ele é parte integrante, ao contrário do caboclo, desbravador que permanece à margem do mundo.”<sup>21</sup>

Em relação ao processo de ocupação do norte de Mato Grosso, este foi iniciado timidamente, por volta das décadas de 50 e 60 em alguns municípios através da frente de expansão que se estendeu lentamente, com a presença de seringueiros e posseiros. Já a partir da década de setenta, outros municípios irão surgir, através da frente pioneira, como foi o caso de Sinop, fundado em 1974. Este tipo de povoamento é diferente daquele ocorrido em outras regiões do Estado, como a Baixada Cuiabana, Vale do São Lourenço, Vale do Garças, região do Alto Paraguai e Araguaia, estendendo-se de maneira que algumas cidades foram sendo criadas em pontos estratégicos visando o controle e a dominação do espaço. O transporte foi um dos principais problemas enfrentados nesse processo de ocupação e colonização, devido as distâncias entre Cuiabá e as demais cidades recém criadas. Para quebrar esse “isolamento” o Governo estadual e Federal, criaram condições (abertura da BR-163, incentivos fiscais, etc.) e juntamente com as Companhias Privadas, favorecem a instalação de migrantes no espaço norte mato-grossense.

A fronteira aberta no norte de Mato Grosso, fora colonizada por empresas particulares, que exigiram uma certa disponibilidade de capital para a compra de terra. Para o migrante sem recursos restava a alternativa das cidades de Rondônia ou dos projetos públicos implantados pelo governo federal. Em Mato Grosso, os projetos implantados pelo INCRA foram Lucas do Rio Verde e Terra Nova do Norte. Ligada ao processo de colonização do espaço rural, observamos, no decorrer da década de 70 e 80, o surgimento de uma série de “cidades novas”, principalmente ao longo da Rodovia Cuiabá-Santarém, no norte de Mato Grosso.

O surgimento destas cidades corresponde a uma profunda mudança do cenário regional, tanto em relação à cidade de Cuiabá, que antes de 1970, era a primeira referência em termos de urbanização em direção à região norte do Estado, quanto às transformações na paisagem do cerrado e da Amazônia mato-grossense. O nascimento de cidades como Sinop e Alta Floresta, hoje entre as cidades pioneiras mais dinâmicas, é um dado revelador deste processo. Outras cidades como Sorriso, Lucas do Rio Verde e Guarantã do Norte, na divisa com o Estado do Pará, estão contribuindo para a “consolidação da fronteira”, num processo acelerado de urbanização.

No sistema urbano, podemos constatar uma nítida hierarquia entre as cidades pioneiras. Depois da capital (Cuiabá), Sinop desempenha um papel polarizador<sup>22</sup>, e se tornou também ponto convergente de várias cidades desta micro-região, devido à sua localização e importância geoeconômica e social da região, (e sua estrutura produtiva) muito disputada com Alta Floresta, que

---

<sup>21</sup> Id. p. 254.

<sup>22</sup> Note-se que uma localização geográfica privilegiada em si mesmo é algo instável e mutável.

com a crise da atividade garimpeira (início da década de 90) perdeu espaço político e econômico regional (queda da estrutura produtiva), além de se encontrar fora do eixo da BR-163, o que dificulta a instalação de algumas empresas em seu parque industrial. Entretanto, é exclusivamente em função do setor primário que estas cidades pioneiras se desenvolvem - extrativismo vegetal, mineral, agrícola e pecuária.

A partir da década de 90, percebe-se uma transitoriedade e uma mobilidade nessa nova fronteira, devido às mudanças ocorridas no âmbito da política econômica nacional, além de uma séria crise, principalmente naquelas cidades que tinham como base de sua economia a atividade garimpeira. Acentuou-se um esvaziamento de algumas e o aumento da população de outras, como Sinop, Sorriso e Cuiabá, que respectivamente, receberam a maior parte dessa “migração de retorno” (ou refluxo) do extremo norte de Mato Grosso. Acumulou-se nessas cidades um contingente de população de baixo nível econômico e cultural que passou a ocupar a periferia urbana, sem ter para si o mínimo de planejamento e infra-estrutura social, acentuando-se dessa maneira o desemprego, prostituição e violência. Observa-se nos últimos anos um intenso dinamismo econômico e demográfico nas cidades do Norte de Mato Grosso, a partir de um grande movimento populacional rumo ao sul do Pará, provocando uma reterritorialização e reespecialização dos agentes sociais, naquilo que Guilherme Velho chama de “fronteira em movimento”.

Nesse contexto precisamos entender que, historicamente a representação da Amazônia como o novo *eldorado* foi, do ponto de vista político, um poderoso agente catalisador dos interesses dos trabalhadores rurais. O mito passou a ser, nesse sentido, um instrumento de poder nas mãos dos setores dominantes. Como afirma José Vicente (1993:14), “*o modo pelo qual o desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo cria e recria a fronteira. Esta é uma realidade simultaneamente geográfica e histórica, passado e presente, envolvendo problemas sociais, demográficos, fundiários, econômicos, políticos e culturais*”. Para ele, a colonização sempre foi uma questão de Estado e, portanto, uma relação de poder, um ato de poder.

Daniel Hessel Teich, em seu artigo “De Maloca à Cidade Fantasma,” analisa a situação sócio-econômica da cidade de Peixoto de Azevedo, no extremo norte de Mato Grosso:

*A aldeia dos Krenakarores desapareceu com a abertura da Rodovia Cuiabá-Santarém. Em seu lugar surgiu a cidade de Peixoto de Azevedo, um acampamento de garimpeiros de arruamento desorganizado e barracos de madeira. Duas décadas depois, o ouro acabou e a cidade definhou até ser abandonada pela maioria de seus habitantes. Cumpriu-se ali o círculo perverso da colonização desordenada no fim do mundo. A ocupação do extremo norte de Mato Grosso deixou uma herança de prostituição, violência, miséria e o mais alto índice de incidência de malária do Brasil. Dos velhos garimpos, entupidos de aventureiros vindos de todos os cantos do país, restaram apenas as imensas crateras escavadas em meio à mata*

*e um rio poluído de mercúrio.*<sup>23</sup>

Estas são algumas das incongruências de base das frentes pioneiras, seja ela “fronteira camponesa” ou “fronteira capitalista”. Segundo Martin Coy, “tais contradições se exprimem pelos conceitos opostos de valorização, transformação e destruição a níveis tanto sócio-econômicos como ecológicos.”<sup>24</sup>

Ao estudarmos o processo de territorialização e desterritorialização no norte de Mato Grosso, contemplamos uma noção mais abrangente de fronteira, na perspectiva teórica que a relaciona aos “intensos deslocamentos espaço-temporais de diferentes grupos sociais sobre territórios já ocupados, sobretudo, por povos indígenas.”<sup>25</sup> Diante disto, é fundamental pensarmos outras práticas sociais, a partir de relações de interação que contemplem dimensões multiculturais, translocais e neo-tradicionais.

*Desse modo, as reflexões podem ter, como ponto de partida, a necessidade de pluralizar sua dimensão - em território de fronteira -, enfocando as mais variadas realidades, em espaços e tempos diferenciados. Fronteira, vista não apenas em sua conotação geográfica e política, que separa grupos, sociedades e domínios político-administrativos, mas, também, que a apreende como dinâmica de integração de sociedades distintas, marcadas pela complexidade e multiplicidade.*<sup>26</sup>

Desta forma, nos colocamos a pensar o contemporâneo, o lugar onde estamos, o nosso local no mundo, nossas experiências. É fundamental contextualizar a reconfiguração dos espaços em processo de ocupação recente, a questão territorial e seus conflitos, pois falar de Mato Grosso e da Amazônia é falar de grupos sociais desfavorecidos em constantes deslocamentos

A continuação da migração rumo às “novas cidades” ainda mais recentes, como Novo Progresso/Pará, tem demonstrado que Mato Grosso não foi o ponto final deste processo.

Estudar a política de colonização no Brasil contemporâneo, as frentes de colonização na Amazônia, são “questões que desafiam nossas explicações sempre tão limitadas”. Como afirma Margarida de Souza Neves: “porque o tempo da História, menos que um tempo de respostas, é aquele que se abre sempre a novas perguntas. (...) porque a Terra Prometida dos sonhos dos que, entre nós, são os migrantes de todos os tempos, não é um espaço fisicamente alcançável, mas é uma História ainda por construir. E porque todos nós não podemos morrer sem saber isso”.

---

<sup>23</sup> TEICH, D. H. “De Maloca à Cidade Fantasma”. p.75.

<sup>24</sup> COY, M., *Desenvolvimento Regional na Periferia Amazônica*, p.191.

<sup>25</sup> GUIMARÃES NETO, R. B. *Apresentação*. In: *Revista: Territórios e Fronteiras*, p. 07.

<sup>26</sup> Idem, p.07-08.

## BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, Zuleika Alves. *Sinop: Territóri(s) de Múltiplas e Incompletas reflexões*. Dissertação de Mestrado. - UFP/Recife-PE, 1997.
- AUBERTIN, Catherine. *Apresentação*. In: *Fronteiras*. BECKER, B. ... et. al. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília. Paris: ORSTOM, 1988.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A Lenda do Ouro Verde: Política de Colonização no Brasil Contemporâneo*. Cuiabá/MT: UNICEN, 2002.
- IANNI. *Colonização e Contra-Reforma Agrária na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MONBEIG, Pierra. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*: Tradução: Ary França e Raul de Andrade e Silva. São Paulo: 2. ed. HUCITEC - POLIS, 1998.
- MARTINS, José de Souza. *Fronteira: A degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições a sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.
- SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Matuchos: exclusão e luta - do Sul para a Amazônia*. Petrópolis, RJ; Vozes, 1993.
- SWAIN, Tânia Navarro. *Fronteira do Paraná; Da Colonização à Migração*. In: *Fronteiras*. BECKER, B. .. et. al. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. Brasília- Paris: ORSTOM, 1988.
- TEICH, Daniel Hessel. *De Maloca à Cidade Fantasma*. In: *O Povo das águas*. Revista Veja. Editora Abril - Edição 1652. Ano 33 - nº 23. 07 de junho de 2000.
- Territórios e Fronteiras*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, vol. I n. 1 jul-dez/2000 - Cuiabá/MT.
- VELHO, Octávio Guilherme. *Capitalismo Autoritário e Campesinato. Um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*. São Paulo-Rio. 2 ed. Difel, 1979.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *Raízes Históricas do campesinato Brasileiro*. XX Encontro anual da ANPOCS. Caxambu, MG. Out./1996. (Mímeo).